

Assignatura:
Por mez...\$300

COLOMBO

Pagamento
adiantado

PERIODICO CRITICO E LITTERARIO

PROPRIEDADE DE

MANOEL LOSTADA, JOÃO DA CRUZ E VIRGILIO VARZEA

Publica-se nos dias 7, 14, 21 e 28

NNO I

Desterro, 7 de Julho de 1881

Num. 9

Homenagem á Castro Alves

Castro Alves

Castro Alves, segundo Tapajoz, tinha no craneo uma semente que de grande se perdia.

E assim era.

Alma clara, brilhante e magestosa, banhada na luz celeste da inspiração e nunca se importando com essas pequenas cousas da vida, com esses espiritos de géllo e acanhados, procurou cantar "A Liberdade, a Escravidão, o Livro, grandiosos themes que poucos são para alargar um só de seus altivos e sublimados pensamentos.

A' considerarmos pela idade, cantou pouco.

A' considerarmos pelo robusto talento que possuia, cantou muito.

Cantou pouco morrendo tão cedo quando seus versos ultrapassavam a méta do bello.

Cantou muito deixando ficar entre outras obras, como o mais poderoso trophéo de victoria das lutas do talento com o destino, um volume de poesias intitulado "*Espumas Fluctuantes*," as quaes hão de forçosamente atravessar séculos, veneradas pelos vultos da posteridade.

E' sempre quando esses genios buscão elevar-se ao coruchéo da gloria, que a ampulheta do tempo marca a hora fatal, que os euros trecentos da campa sóem derribal-os.

Ainda hontem poeta, teus collegas admiravam-te o talento mysterioso quando tu, altaneiro condor, desprendias as azas roçagantes até ao infinito.

Oh! nunca a indiferença te curvou a frente!

Occupado com os mais sérios estudos, nem porisso deixavas de contribuir com uma epopeia mais para a historia de tua patria.

A tua penna não cançava.

Era o alvião que revolvía a areia das praias alvacentes do fucturo, onde dormitava a gloria

As ideas jorravam-te vivas, ardentes desse craneo, como mil linguas de fogo-d'um circulo estreito.

A tua imaginação forte, sabia desvendar mysterios, magnificos e elevados pensamentos; por exemplo quando dizes:—

"O novo mundo nos musculos
Sente a seiva do porvir! »

E mais adiante:—

"O Livro esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo! »

Quanta verdade e profunda eloquencia nestes versos, quanta belleza e genio ahi se observa.

E nos seguintes trêchos do poema "Os escravos":—

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infamia e covardia,
E deixa-a transformar-se nesta festa
Em manto impuro de Bacchante fria!
Men Deus! raeu Deus; mas que bandeira é esta
Que impudente na gavéa tripudia?!...
Sileneio, Musa.... chóra, chóra.... tanto,
Que o pavilhão se lave no teu pranto!

Auri-verde pendão da minha terra
Que a brisa do Brazil beija e balança,
Estandarte, que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança....
Tu, que da liberdade apóz a guerra



Fôste hasteado dos heróes na lança
Antes te houvessem rôto na batalha
Que servires a um povo de mortalha !...

Fatalidade atróz, que a mente esmaga
Extingui nesta hora, o brigue immundo,
O trilho que Colombo abriu na vaga
Como um iris no pelago profundo....
Mas é infamia de mais ! Da étheréa plaga
Levantai-vos heróes do novo mundo:—
Andrada ! arranca este pendão dos ares
Colombo !—fecha a porta de teus mares !

Por estes arrebatadissimos versos vê-se en-
tão o quanto éras patriota e acerrimo propa-
gador da liberdade.

Facemos ainda uma pequena nota sobre a
poesia—Vozes d'Africa—

Quando, ó poeta, te entristeces com a Afri-
ca e dizes:—

Mas eu Senhor !... Eu triste, abandonada
Em meio das areias, esgarrada

Perdida marchô em vão !

Si choro.... bebe o pranto a areia ardente
Talvez.... p'ra que meu pranto ó Deus Cle-
mente

Não descubras no chão !

E nem tenho uma sombra de floresta
Para cubrir-me-nem um templo résta
No solo abrasador....

Quando subo ás pyramides do Egypto
Em balde aos quatro céos chorando grito,
« Abriga-me, Senhor.... »

Basta Senhor ! De teu potente braço
Rôle atravez dos astros e do espaço
Perdão p'ros crimes meus !

Ha dous mil annos eu soluço, eu grito
Escuta o brado meu lá do infinito
Meu Deus, Senhor, meu Deus !

E tantas outras estrophes de oiro que não
nos é possível mencionar.

Castro Alves soahou um dia com a gloria.
Porém ella como mulher caprichosa fez
murcharem-se cêdo todos esses sonhos suaves
e eloquentes.

Fez enregelar aquelle craneo de fogo, pre-
nhe de maravilhosos pensamentos, transbor-
dando de inspiração divina.

Recebe pois lá na mansão celeste, ó pode-
roso vate, ó patriota verdadeiro e sympathi-

co, as ovacções que te fazem no dia de teu
grande decennio.

Inspira-te e canta Deus, a gloria, o trium-
pho !

Canta sim que teus cantos são torrentes de
harmonia enlevando os hemispherios.

Bahiano, a patria te bendiz !

Filho da liberdade, Tiradentes e Gonzaga
te admirão !

Poeta, a posteridade te aguarda vergada ao
pêso de louros !

Homem, o mundo civilizado te abençoa,
dizendo:—Soubeste ser homem, soubeste ser
fecundo genio, gósa agora as honras de im-
mortal !...

Ao decennio de Antonio de Castro Alves

Quando morre um poeta, quando a lei com-
mum dos mortaes, aquella que iguala os in-
dividuos, os povos e as nações, se faz sentir
sobre a cabeça inspirada, que porfiava com a
natureza no concerto universal, cantando,
sorrindo, cedendo muitas vezes á dor do mun-
do, e á sua que é superior a todas as dores,
diante do capricho social e da propria natu-
reza que parece ter reunido contra elle tudo
que opprime, que mata, roubando-lhe as me-
lhores esperanças—uma noite profunda se
faz em roda do cadaver: é a lagryma d'aurora
que esconde os vivos resplendores; é o
adeus tremendo do occaso que se despede das
florinhas do valle !..

Porém...quem pôde afirmar que o poeta
morre ?

Uma cabeça escaldada aos fogos do infinito,
propheta, pensador, altivo como os Andes,
brando como a onda, que se deslisa em leito
de prata, Deus e mortal, creador e creado,
quem pôde afirmar que o poeta morre ?

Não !.. o accidente tem a lei fatal; soffre,
aniquila-se e some-se...há porém alguma cou-
sa mais em um ente destinado a reproduzir
a natureza em todos seus actos, engrandecel-
a, torna-a mais seductora—é a inspiração, a
capacidade dos accórdes soberanos, que fa-
zem de um mortal o instrumento de uma
vontade infinita.

O poeta não é só o interprete da natureza
para agradar a publica curiosidade, é tam-
bem um realce e grandeza nas festas da arte
e da intelligencia, tornando-se quasi sempre

a palavra viva e animada que se entorna em corações soffredores.

E assim comprehendendo a Bahia, essa terra de heróes, e berço de cantores.

Bem haja o momento, em que mais um nome soberano, tem de ser elevado a altura que merece.

Castro Alves, distincto bahiano, está immortal.

Desterro, 7 de Julho de 1881.

SILVIO PELLICO.

O decennio de Castro Alves

Apezar da alteração da minha saúde, apesar do frio gêlo da descrença litteraria que desgraçadamente me tem engelado; não posso, todavia, deixar de acudir ao honroso appello que me faz a distincta redacção do esperançoso periodico intitulado — o Colombo — que, mercê do céu, ha-de descobrir a *America* da sciencia e das artes.

Brasileiro, não posso deixar de acompanhar os justos festejos que promove a gloriosa provincia da Bahia, que acabando de despir o crepe accusador do infausto passamento d'aquelle glorioso filho que estancou a cruel chaga, que tem corroido a brasileira sociedade, vem, agora, trajar de gala coroando um de seus talentosos filhos, ornamento da litteratura bahianna.

E' justo que aquelle que tam cedo, qual condor dos Andes, adejando no espaço, tam cedo fitando o olhar altivo no sol da poesia social, da poesia do seculo 19; tam cedo, tambem, irradie de esplendida gloria em uma precoce apotheose l...

E' justo que aquelle que tam cedo se inflamára na labareda do purgatorio, tam cedo tambem, penetre o paraizo destinado para o homem de genio; é justo que aquelle que tam cedo morrerá, porque tam cedo vivôra, tam cedo, tambem, seja coroado, porque tam cedo lutára l...

E' justo que no positivo anno de 1881, em que sobe à eternidade o benemerito bahiano visconde do Rio Branco, suba ao apogêo da gloria o outro bahiano, o cantor da misera escravidão, o propheta da liberdade, o novo precursor do novo Messias l...

Desterro, 30 de Janho de 1881

W. BUENO



Ao Decennio de Castro Alves

Quem sempre vence é o porvir !

(Castro Alves)

No espadanar das espumas
Que vão á praia saltar !
Nos échos da tempestade
Da bella aurora ao raiar,
Um brado enórme, profundo
Que faz tremer todo o mundo
Se deixa logo sentir !
E' como o brado solenne
Ingente, celso, perenne
E' como o brado:—Porvir !...

Pergunta a onda:—Quem é ?..
Responde o brado:—Sou eu !
Sou eu a Fama que venho
C'roar o vate, o Chryseuf
Dormi, meu Deus, por dez annos
E da natura os arcanos
Não pôsso todos saber !
Mas como ouvisse louvores
De gloria gritos, clamôres
Tambem vim louros trazer !

Fatalidade ! —Desgraça !
Fatalidade, meu Deus !
Passou-se um genio tão cedo
Sumio-se um astro nos Céus !
As catadupas d'idéias
Do pensamento épopéias
Roláráo todas no chão !
Subindo a alma p'ra gloria
Bradou p'ra patria —victoria !
Já sou de vultos irmão !

Foi Deus que disse:—Poeta,
Vem decantar á meus pes
Na eternidade ha mais luz
Dão mais valór ao que és !
Se lá na terra tens louros
Receberás cá thesouros
De muitas glorias até !
Terás a lyra adorada
C'o divo plectro afinada
De Dante, Tasso e Garret !

Então na terra sentio-se
Um grande acôrde final !
O bello vate brasileiro
Pendêo a fronte immortal !
O negro espaço rasgou-se
E aquelle genio internou-se
Na sempiterna mansão !

A sua frente brilhava
E aureo livro apertava
Serêno e lèdo na mão...

E o mundo então sobre os eixos
Ouvio-se logo rodar !
E' que elle mesmo estremêce
A' vêr um vulto tombar !
E' que na quèda dos entes
Que são na vida potentes
Que têm nas veias ardôr,
Ha cataclysmos medonhos
Que sò sentimos em sonhos
Mas que nos causão terror l...

E o coração s'estortega
E s'intíbia a razão l
No peito o sangue enregêla
E logo a historia diz:—Não l
Não chòre a patria esse filho
Se procurou novo trilho
Tambem mais glorias me deu l
E quando os sécl'os passarem
Se hão de tristes curvarem
Emquanto alegre só eu l?...

Oh ! Basta l Basta l Silencio l
Repousa vate nos Céus l
Que muito além dos espaços
Os cantos subão dos teus l
Se nesta vida d'enganos
Não são bastante os humanos
P'ra te render ovações l
Perdoa os fracos ó genio
Que p'ra cantar teu decennio
Somente Elmano ou Camões l...
Desterro, 6 de Julho de 1880

—CRUZ E SOUSA

A'memoria de Castro Alves

Salvão do olvido as musas
(GARRET.—CAMÕES)

Morreste ! Não ! Só se morre
Quando, após o passamento,
Não ha nada que nos forre
Das trévas do esquecimento.
Mas quando a luz, do talento
O mundo em nós viu brilhar,
Não pôde a morte apagar
Jámais essa luz etherêa...
Transforma a nossa matéria
Mas não n'as pôde matar !
Castro Alves ! não morreste
Porque teu nome está vivo !
Cada verso que escreveste

E' um poderoso incentivo
Para o culto positivo
De nossas adorações !...
De teu genio as produções
Passarãs sempre splendentes
Dás Populações, presentes
A's futuras gerações !..

.....
P'ra que do olvido te salves
Basta-te—O livro e a America—
O nome de Castro Alves
Ahi ganhou gloria homerica ! !...
A morte é nulla, é quimerica
Do genio perante a luz !!
E o teu nome se traduz
—Genio, Gloria, Poesia—
Na Provincia da Bahia
No Imperio de Sancta Cruz...
Por isso, vem saudar-te
Este jornal pequenino !
O que nós ouzamos dar-te
Recebe, ó genio divino !...
Qualquer que seja o destino
Do nosso humilde jornal,
A redacção actual
Se honra de hoje haver louvado
O teu nome idolatrado,
E a tua famma immortal.

Desterro, 4 de Julho de 1881.

Dr. SYMPHONIO.

A' Castro Alves

Que o sopra gélido da morte lançou por
terra um dos mais inspirados poetas brazilei-
ros que começava apenas com os máviosos
acordes de sua lyra a encher o nosso formoso
firmamento, completa-se hoje dez annos.

Dilèmma terrível, ou ver-se a nossa litte-
ratura em completo abandono ou então, ver-
se seus mais aclarados deffensores cahirem
inertes...

Assim aconteceu a Castro Alves que como
fugaz meteoro mostrou-se brilhante e logo
desappareceu na immensidade.

Foste breve...sim...mais não morreste...
acaço perece o genio ?

Não...porque a fama é immorredoura e
tuas obras ahi estão que attestam e a mocí-
dade que hoje vem consagrar um tributo de
gratidão em honra de teus manes.

7 de Julho de 1881.

HENRIQUE BOITEUX.

Typ. Commercial—rua da Constituição